SEJA BEM VINDO, IMPERADOR

R. Aristides Ribeiro

Os cento e cinquenta anos da nossa Independência estão sendo comemorados oficial e privadamente, das mais variadas formas, por toda a Nação Brasileira.

Solenidades dos mais variados tipos, concursos colegiais e universitários, canções de exaltação patriótica, olimpíadas diversas, (como essa festa pebolística da "Taça-Independência"), e, acima de tudo, o fato histórico da apoteótica transladação dos restos mortais do Primeiro Imperador cedidos ao país pelo Governo Português.

CRÍTICA DESCABIDA

Dentre todas as solenidades e alegorias da grande Festa Nacional, quero exaltar, particularmente, a **peregrinação cívica** de Dom Pedro I, por todos os rincões do nosso vasto território. Não é muito raro ouvir-se, aqui e alí, uma voz discordante, concluindo apressadamente que essa iniciativa seja uma "cafonice", sem maior significação. Aliás, atitude desse quilate não admira tenha de sugerir em uma terra como a nossa, onde ser do contra veio como requintado "snobismo", onde a "gozação", mesmo das coisas mais sérias, aparece com propósito ou sem propósito; onde se faz "piada" de tudo e às vezes de forma irreverente; e onde até se "vaia" o sol, só porque passou dois dias ocultos pelos nevoeiros do inverno. (As vezes até tem graça essa **verve** popular; e aqui critico seus "excessos").

APLAUSOS À PROVIDÊNCIA

Assim, não vejo nenhuma "cafonice", nem na transladação dos restos mortais do Primeiro Imperador, após século e meio

de ausência, e nem na sua peregrinação post-mortem, através de uma terra, a que ele deu prova de tanta dedicação.

Por isso, eu quero exaltar, justamente, a iniciativa do Governo, providenciando por que, antes de recolher, ao Monumento do Ipiranga, as cinzas do Defensor Perpétuo do Brasil, percorram elas, triunfalmente, o imenso território, que nos foi legado intacto por um Libertador, que não sendo brasileiro pelo nascimento, se fez brasileiro adotivo pelo coração e pelo amor à terra, onde viveu quase toda a sua existência.

SINGULARIDADE NA COMEMORAÇÃO

Tenho a certeza de que jamais povo algum realizou essa modalidade de comemoração de maneira tão ampla e afetiva como nós estamos fazendo agora.

Quando as cinzas de Napoleão voltaram de Santa Helena, não percorreram elas tão extensa e complexa **procissão cívica,** antes de serem encerradas no Panteão dos Inválidos, mesmo porque todo o território gaulês representa apenas um onze-avos (1/11) da nossa área semi-continental. Uma peregrinação semelhante a que empreendemos agora teria de ser, na França, territorialmente, bastante restrita.

SIMILITUDES INAPLICÁVEIS

Somente duas nações poderiam competir conosco nessa hipótese: os EEUU e a URSS. (Eu já estou calculando que os **Críticos de Sempre** neste intante, me estão "carimbando" de **Ufanismo,** do timp mais radical, ou seja, o afonso celciano... Mas deixem comigo, que eu me defendo.)

Acontece, porém, que os grandes estadistas norte-americanos, da época da Independência (Washington, Jefferson, etc) haviam libertado apenas aquele pequeno território compreendido entre o altiplano dos Alleghanys e o Atlântico (as Treze Colônias inglêsas), e nem teriam vasta áreas a percorrer, mesmo que a tanto pretendessem seus contemporâneos.

E quanto aos russos: — Pedro. o Grande e Catarina II, Lenin e Stalin — os dois primeiros dispunham de "Império Europeu", não muito extenso,, além de algumas hordas insubmissas; e os segundos mantiveram os "legados imperiais", ampliaram a área recebida, incluindo povos subjugados das mais diferentes raças, índoles e culturas, cada qual, ainda agora, mantendo vivas as suas "nacionalidades" inconfundíveis, prenhes de "irredentismos", e somente reduzidas a um melting-pot artificial, pela fôrça e sob

o tacão da bota opressora.

ESFACELAMENTO DOS GRANDES IMPÉRIOS

Em razão disto, todos esses territórios e populações subjugadas, fatalmente, geopoliticamente, mais hoje ou mais amanhã, desfarão o **Colosso Moscovita**, da mesma forma, como no passado, desagregaram-se os grandes Impérios: o Cartaginês, o Romano e o mascedônio. E, recuando-se mais no tempo, também esfacelaram-se o Medo-Persa, o Assírio-Babilônio, o Hitita, o Egípcio e tantos outros, porque essa é a marcha inexorável da História.

Só que alguns se conservaram por mais tempo, enquanto outros tiveram vida mais efêmera, graças às diversissimas circunstâncias e fatôres geopolíticos, tais como: situação geográfica, forma fisiográfica, relevo, hidrografia, clima, recursos naturais e demografia, que inclui raça, cultura, economia, enfim, **Civilização.**

A PERSONALIDADE DE PEDRO I

E, portanto, de dentro dessa **Conotação Civilizatória** (perdoem a inovação) que surge a personalidade do nosso Primeiro Imperador, impondo-se, decididamente, à admiração e ao reconhecimento dos brasileiros.

Hoje é tese histórica e sociologicamente aceita que, sem a presença de **Dom Pedro do Grito** (consoante carinhosamente relembra a canção popular), o Brasil não seria hoje o Colosso Físico **Político, Social e Econômico,** que ele significa para o Continente Americano, como o reconhecem, sem favor, não somente os dirigentes Americanos, mas consenso dos povos do mundo, apesar da campanha de descrédito e de difamação arquitetada por maus brasileiros.

Devemos a Pedro I a unidade desse país-continente. Sem a presença do Príncipe — são unanimes os nossos sociólogos teria sido, senão impossível, pelo menos muito difícil manter a unidade territorial do Brasil, porque a pessoa do reinante tinha o condão de aglutinar, em tôrno de si, a confiança da parte mais representativa do povo que era, na época, a aristocracia rural.

FATORES ANTAGÔNICOS

Assim, duas grandes fôrças conjugadas fizeram a nossa Independência: a presença do Imperante, com toda a sua grande "força aglutinante", e a Aristocracia Rural, representada pelos fazendeiros de café, os estancieiros do sul, os criadores de gado do norte, os plantadores de cana e os garimpeiros do centro-oeste.

Contra aqueles fatôres de aglutinação militavam as naturais fôrças de desagregação, representadas sobretudo pela imensidão territorial, sem comunicação interiorana, com suas populações formando verdadeiras ilhas-sociais, agravada pela deficiência de educação e de cultura.

Aliás, se atentarmos bem para o problema, chegaremos à conclusão de que aquela Aristocracia Rural só concordou com a **Idéia da Separação,** porque confiou no Imperante. Os grandes fazendeiros sabiam que a presença da dinastia, à frente dos destinos do Brasil, assegurava a continuidade histórica do país. E tal conclusão, portanto, reduz toda a problemática de nossa Independência à pessoa daquele Príncipe impulsivo e meio destabanado, estuante na sua juventude, mas, ao mesmo tempo, corajoso, resoluto, e até, paradoxalmente, amadurecido para as graves responsablidades do Governo, do que deu provas incontestes.

O EXEMPLO DAS COLÔNIAS ESPANHOLAS

E foi, precisamente, a ausência dessa "fôrça de aglutinação", sem alguém que simbolizasse a união, o que acarretou a fragmentação da América Espanhola.

San Martin, Bolivar o O'Higens não dispunham daquelas "virtudes" que cercavam o representante da dinastia, e a colonização hispânica se fragmentou em uma dúzia de republiquetas.

EXEMPLO BRASILEIRO

E para aqueles que não aceitam a validade dessa tese, lembro apenas que, tão logo faltou a presença do nosso Imperador, (obrigado a regressar a Portugal) imediatamente começaram, no Brasil, os pruridos separatistas, uns mais ostensivos, como a Revolução Farroupilha (que durou dez anos), outros menos, como a Balaiada, a Sabinada, a Cabanada, etc, surgidos no Período de Regência, durante a minoridade de Pedro II.

CONCLUSÃO

Esclarecido, por essa forma, o valor da obra realizada pelo Primeiro Imperador — que no dia do **Fico** assumiu o título de "Defensor Perpétuo do Brasil" — parece-me revestida da mais pura inspiração patriótica a idéia dessa peregrinação **post-mortem,** cujo simbolismo enfeixa a mais terna e afetuosa significação, a fim de que todos os brasileiros tenham a oportunidade de tributar à sua

memória, diante de seus restos mortais, aquela homenagem que eles sempre tiveram bem presentes no seu espírito, desde os bancos escolares. Seja, pois, benvindo entre nós, o "Defensor Perpétuo do Brasil".

(O POVO, 8-7-72)

HINO DA INDEPENDÊNCIA

Letra de Evaristo da Veiga
Música de D. Pedro I

Já podeis, da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil:
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil

Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil!
— Ou ficar a Pátria livre,
— Ou morrer pelo Brasil.

Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil...
Houve mãos mais poderosas...
Zombou deles o Brasil...

Brava gente, etc...

O real herdeiro augusto,
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tiranos,
Quis ficar no seu Brasil.

Brava gente, etc...

Revoavam sombras tristes,
Da cruel guerra civil;
Mas fugiram apressadas,
Vendo o anjo do Brasil.

Brava gente, etc...

Mal soou na serra, ao longe,
Nosso grito juvenil
Nos imensos ombros logo
A cabeça ergue o Brasil.

Brava gente, etc...

Parabéns, ó brasileiro,
Já com o garbo juvenil,
Do universo entre os brasões
Resplandece o do Brasil.

Brava gente, etc...

Parabéns! Já somos livres!
Já pujante e senhoril
Brilha ao sol do novo mundo
O estandarte do Brasil.

Brava gente, etc...

Filhos, clama, caros filhos,
E' depois de afrontas mil
Que a vingar a negra injúria
Vem chamar-nos o Brasil.

Brava gente, etc...

Não temais ímpias falanges,
Que apresentam face hostil;
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil.

Brava gente, etc...

Mostra Pedro à vossa frente
Alma intrépida e viril,
Tendes nele Digno Chefe
Deste Império do Brasil.

Brava gente, etc...